

INSTABILIDADE POLITICA E MILITAR NA GUINÉ-BISSAU: PERCEPÇÕES SOBRE O GOLPE DE ESTADO DE 12 DE ABRIL DE 2012

Sambite Santos Cabi ¹, Ricardino Jacinto Dumas Teixeira ²

RESUMO

O presente trabalho visa analisar as disputas políticas e militares na Guiné-Bissau no processo de democratização em curso, tendo como recorte o golpe de Estado em 2012, uma ação político-militar levada a cabo por militares guineenses que destituiu o governo democraticamente eleito sob a liderança do ex-primeiro e candidato presidencial Carlos Gomes Junior, então presidente do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). O objetivo é confrontar as visões dos entrevistados com a literatura nacional. Segundo Teixeira (2010), os conflitos no país dividiram as Forças Armadas em vários grupos, com o apoio de países da sub-região e da Europa. No caso do conflito de 1998, que derrubou um governo civil, as Forças Armadas dividiram-se em grupos a partir dos seus interesses. Por um lado, estavam as forças de Senegal, Gâmbia, Guiné Conakry e França em apoio à manutenção do presidente João Bernardo Vieira no poder. De outro, a presença do Movimento das Forças Democráticas de Cassamance e Portugal em apoio à Junta Militar liderada pelo brigadeiro Ansumane Mané, ex-combatente do PAIGC. A metodologia se apoia em pesquisa qualitativa como técnica para coleta, análise e interpretação dos dados. O argumento defendido é de que o golpe de 12 de abril teve várias faces e motivações com presença de vários atores, como é o caso da presença de Angola em defesa de Carlos Gomes, uma das razões da reação das Forças Armadas guineenses alegando defender a soberania de uma alegada agressão de militares angolanos, que, segundo militares guineenses, teria sido autorizada pelo governo de Carlos Gomes Júnior.

Palavras-chave:

Golpe de Estado. Civis e Militares. Geoestratégia. PAIGC. Guiné-Bissau.

¹ Unilab, IH, Discente, e-mail: sasacaguine@hotmail.com

² Unilab, IH, Docente, e-mail: ricardino@unilab.edu.br